

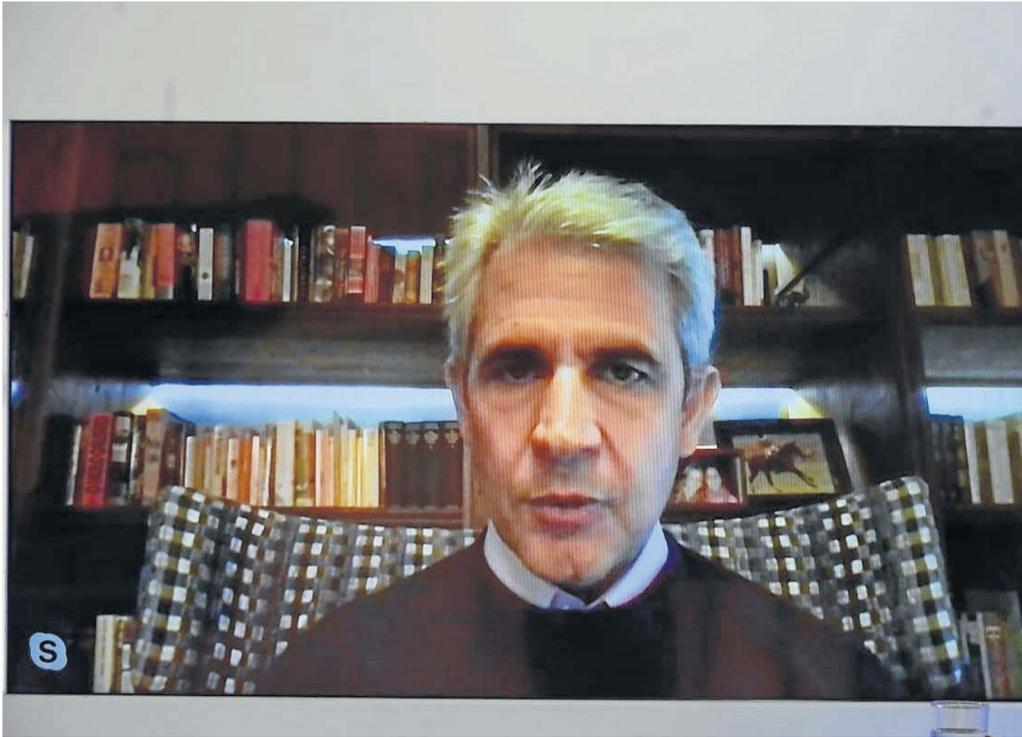
» Entrevista | LUIZ FELIPE D'ÁVILA | PRÉ-CANDIDATO À PRESIDÊNCIA (NOVO-SP)

No vácuo antipopulista

Enquanto o partido Novo trabalha para conquistar o eleitorado conservador, cientista político aposta em superar a polarização

» MICHELLE PORTELA

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



Sem interesse em candidaturas populistas e no vácuo deixado pelo ex-governador de São Paulo e ex-candidato à Presidência da República Geraldo Alckmin, o partido Novo trabalha para conquistar o eleitorado conservador de São Paulo. Boa parte desse bolo sustenta os números da rejeição ao Partido dos Trabalhadores (PT), mas também abrange aqueles que abandonaram o atual governo na corrida das eleições 2022.

Com isso, o Novo segue criando as bases para a candidatura ao Planalto do cientista político Luiz Felipe d'Ávila, o antipopulista. O nome do empresário entrou na disputa no grupo da chamada terceira via, que tenta viabilizar um candidato para fazer frente à polarização entre o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

No atual contexto em que Alckmin trabalha para ser candidato a vice-presidente na provável federação liderada pelo petista, o ex-governador tem dito que o acordo está praticamente fechado e que resta apenas definir o partido ao qual ele se filiaria até o início de abril. O ex-tucano afirma que a escolha deve ficar entre o PSD e o PSB, mas o MDB também estuda convidar o ex-governador para se filiar.

Se o PSD optar por receber Alckmin, a federação de Lula chega mais forte às eleições com apoio de um partido do chamado Centrão do Congresso Nacional para enfrentar o atual presidente. Toda essa movimentação é bastante animadora para o candidato liberal, que acredita se beneficiar com a aglutinação dos oponentes em prováveis federações. Luiz Felipe d'Ávila apresenta a equação na entrevista a seguir.

Como o senhor analisa o vácuo deixado pelo ex-governador Geraldo Alckmin, em São Paulo, após ele se retirar da corrida pelo governo do Estado para compor chapa à Presidência com um ex-adversário?

Eu vejo a aliança (entre Lula e

Alckmin) como algo muito difícil de render algo positivo. São visões antagônicas de país. O PSDB foi o partido que governou com uma pauta focada na modernização do Estado, enquanto o PT foi o partido sabotador das medidas que buscavam essa mesma modernização, como a reforma trabalhista ou a reforma política. Não deixa de ser algo surpreendente, mas pouca coisa de resultado concreto. O que me parece mais importante para o eleitor, contudo, não é a questão política, mas o viés econômico. Os eleitores estão preocupados com emprego, renda, pobreza, miséria, estão preocupados em sobreviver.

O senhor acredita que pode superar a polarização política para alcançar o segundo turno?

Lula e Bolsonaro são os responsáveis pela polarização política no

Brasil, mas ambos são populistas. Por isso, acredito na possibilidade de alguém com características distintas chegar ao segundo turno, ou seja, alguém que represente oposição àquilo que eles simbolizam. (É preciso) Alguém capaz de retomar o crescimento e o emprego no Brasil, após uma década de estagnação econômica e desemprego, além da queda bruta de investimentos, inclusive, estrangeiros no país. No caso da nossa candidatura, estamos rodando as cidades do interior paulista nesta semana, e a recepção é sempre muito positiva.

O vácuo deixado por Alckmin na corrida ao governo de São Paulo abre mais espaço ao Novo?

Com a retirada da candidatura de Geraldo Alckmin ao governo de São Paulo, a eleição

está completamente aberta. Temos grande esperança no Estado mais rico da União, onde temos Vinícius Poit como pré-candidato ao governo, um dos deputados federais mais bem votados do estado. Embora seja uma competição muito difícil, existe uma enorme oportunidade em São Paulo.

A saída do grupo do ex-candidato João Amoêdo é factível?

Não é verdade. Amoêdo (ex-candidato do partido à Presidência) é um filiado do partido, não tem cargo ou posição de comando. Pessoalmente, tenho uma relação muito boa com ele e não temos essa informação, que foi vazada por uma pessoa que perdeu a eleição do diretório municipal do partido em São Paulo, quando o grupo do Amoêdo perdeu. A verdade sobre o Novo, atualmente, é que temos

um processo seletivo de candidaturas muito forte e nominatas fortes nos colégios eleitorais. Temos o governador de Minas Gerais, Romeu Zema, indo para a reeleição, a minha candidatura à Presidência, e muito entusiasmo.

Quanto a alianças políticas, o senhor cogita ingressar em alguma federação?

Não. Por enquanto, a ideia é caminhar sozinhos. Neste momento, não trabalhamos com a perspectiva de produzir alianças, mas a aliança é algo para ser discutido em torno de propostas afinadas com o Novo. Entendemos que o Brasil deve voltar a crescer e, para isso, precisamos de uma pauta focada em meio ambiente, que incorpore as metas de redução de emissões de gases do efeito estufa com políticas de carbono neutro,



Lula e Bolsonaro são os responsáveis pela polarização política no Brasil, mas ambos são populistas. Por isso, acredito na possibilidade de alguém com características distintas chegar ao segundo turno, ou seja, alguém que represente oposição àquilo que eles simbolizam. (É preciso) Alguém capaz de retomar o crescimento e o emprego no Brasil, após uma década de estagnação econômica e desemprego"

que podem gerar até R\$ 250 trilhões para o Brasil. Nós vamos voltar a crescer se tivermos juízo na questão ambiental.

E vocês apoiarão algum candidato da polarização no segundo turno?

Não acredito em dois populistas no segundo turno, não vejo essa possibilidade. Caso sim, não apoiaremos candidatos populistas. Lula é um verdadeiro desastre para o Brasil. Mas acredito que o principal a ser ressaltado é que a continuidade da polarização política é algo muito negativo. Todos sabemos que o PT é um partido marcado pelos maiores escândalos de corrupção no Brasil. A eleição do Lula ou a continuidade do Bolsonaro não é nada bom para recuperar a confiança internacional e o orgulho de ser brasileiro.

PODER

Frias cancela ida à Rússia; Bolsonaro viaja hoje ao país

De malas prontas para a Rússia com mais quatro assessores, o secretário especial da Cultura, Mario Frias, foi obrigado a cancelar a viagem. A ordem partiu da Presidência da República, que decidiu

por uma comitiva mais enxuta e repassou a orientação a todos os ministros que contavam com representantes na agenda.

O presidente Jair Bolsonaro parte hoje para visitas de Estado a

Moscou e a Budapeste (Hungria), em meio a uma escalada da tensão geopolítica na região, envolvendo a Ucrânia. Com a iminência de um conflito militar, o presidente foi aconselhado a adiar a visita, mas optou por mantê-la.

No sábado, o secretário fez uma live nas redes sociais, mas para comentar de outra polêmica relacionada a viagens — a que fez para Nova York, em dezembro do ano

passado. Na apresentação, ele não mencionou o cancelamento para Rússia, Hungria e Polônia.

O deslocamento para a cidade norte-americana, que durou cinco dias com quatro compromissos oficiais na agenda, foi alvo de um pedido ao Tribunal de Contas da União (TCU) pelo Ministério Público (MP), vinculado ao órgão na sexta-feira, para que investigue os gastos da viagem.

O subprocurador-geral do MP junto ao TCU, Lucas Rocha Furtado, quer que o tribunal averigue “se a viagem custeada com recursos públicos possuía razões legítimas para existir atendendo ao interesse público ou se serviu para atender — às escusas da lei — interesse pessoalíssimo e privado”.

A viagem foi classificada como “urgente” pela secretaria e,

segundo o *Diário Oficial da União*, o ministro estaria em Nova York para divulgar um “projeto cultural envolvendo produção audiovisual, cultura e esporte” com o lutador de jiu-jitsu bolsonarista Renzo Gracie, que o convidou. Para ir até lá, o secretário despendeu R\$ 39 mil junto com Oliveira. Os dois também foram ressarcidos pelo governo por testes de covid-19, no valor total de R\$ 3,6 mil.



ROBERTO BRANT

A POLÍTICA DE JUROS, SEM NECESSIDADE, ESTÁ EMPOBRECENDO AINDA MAIS O PAÍS E VAI TORNAR A DÍVIDA PÚBLICA INSUSTENTÁVEL. ERROS TÊM CONSEQUÊNCIAS, MAS NÃO TEMOS MAIS COMO EVITÁ-LOS.

Quando não se sabe o que se está fazendo

Diante do silêncio geral, chamo a atenção para o modo autossuficiente como o Banco Central brasileiro vem conduzindo sua política monetária, agora que está investido de uma autonomia praticamente sem limites. Os juizes do Supremo Tribunal Federal (STF), ao decidir as questões que lhe são submetidas, costumam dizer que têm o privilégio de errar por último. Ganham agora a companhia de uma outra instituição para desfrutar deste duvidoso privilégio.

A pandemia desencadeou mudanças importantes no modo como as pessoas trabalham e consomem, afetando os sistemas de produção e o funcionamento das cadeias logísticas. Tudo isto resultou em perturbações nos merca-

dos de bens e serviços. Assim que as economias foram voltando à normalidade, os sistemas de preços se desarranjaram. Depois de muitos anos de moderação, a inflação voltou em todo o mundo.

No Brasil, a inflação fechou 2021 em 10%, mesmo com a economia praticamente estagnada. Nossa renda por habitante hoje, em termos reais, está abaixo do nível de 2013 e o desemprego oscila em torno de 14%, o terceiro pior índice na lista das 42 principais economias do mundo. Não é preciso ter formação de economista para reconhecer que nossa inflação não é resultado de excesso de demanda em relação à oferta, desequilíbrio que deve ser combatido por meio da elevação dos juros.

Nossa inflação se deve ao aumento dos preços do petróleo, que são formados no mercado internacional, e dos custos de energia elétrica, devido à estiagem, além da desvalorização do real e da elevação dos preços dos alimentos em razão da demanda externa. Nada que a alta dos juros básicos pode resolver.

Esses mesmos fatores estão produzindo inflação em toda a parte. Nos Estados Unidos, a alta dos preços ao consumidor chegou a 7,5% ao ano, no Reino Unido 5,4%, e na zona do euro, em média, 5%. Estamos diante de um fenômeno global que tem tudo para ser transitório. Todos esses países estão iniciando um ciclo de aperto da política monetária, mas em termos completa-

mente diferentes dos padrões de nosso Banco Central.

Os Estados Unidos vão elevar seus juros básicos de 0,25% para 0,50% proximamente e promete alguns aumentos do mesmo valor ao longo de dois anos, até chegar a 2% ao ano. O Banco da Inglaterra está se preparando para também subir os seus juros de 0,25% para 0,50%. O Banco Central Europeu ainda hesita em elevar os seus juros, próximos de zero, com receio de interferir na recuperação das suas economias. Em todos os países, as autoridades monetárias mantêm-se cautelosas, porque ninguém compreende completamente os atuais movimentos das economias e porque temem que os eventuais erros da política monetária causem

perdas de renda e de emprego desnecessariamente.

Essas preocupações passam longe de nossas autoridades. De janeiro de 2021, quando os juros estavam em 2%, até agora, os juros no Brasil subiram para 10,75%, um peso adicional de 8,75%. No último comunicado oficial, estão anunciadas novas elevações, até chegarmos a 12%, talvez a maior taxa de juros de todo o mundo.

A economia brasileira não vai crescer mais do 0,3% em 2022. Não haverá, portanto, nenhuma pressão possível sobre a demanda e os preços. Em compensação, os custos da dívida pública, em virtude dos novos juros, serão onerados em cerca de R\$ 400 a R\$ 500 bilhões. A política de juros, sem necessidade, está

empobrecendo ainda mais o país e vai tornar a dívida pública insustentável. Erros têm consequências, mas não temos mais como evitá-los.

Não sou adepto das teorias conspiratórias tão ao gosto das esquerdas e das direitas que parecem dominar o ambiente político. Acho que as autoridades estão simplesmente errando sem nenhum propósito maligno. Há alguns anos, lendo um artigo do Delfim Neto a respeito de decisões do Banco Central, eu me deparei com um pensamento a que ele se referia como o axioma de Brainard: “Quando você não sabe bem o que está fazendo, faça bem devagar”. É exatamente o que fazemos hoje todos os países e o que o nosso Banco Central, infelizmente, não está fazendo.

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)